

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS

Liliane Gonçalves Fernandes de Lima

**UM OUTRO LADO DA HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOCENTE: UMA
NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

JUIZ DE FORA

2019

Liliane Gonçalves Fernandes de Lima

**UM OUTRO LADO DA HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOCENTE: UMA
NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Ensino de Artes Visuais, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientador: Prof. Dr. Fabrício da Silva Teixeira
Carvalho

JUIZ DE FORA

2019

RESUMO

Esse trabalho se dedica a apresentar a relação das experiências vividas e suas ressignificações com a constituição da identidade docente. Desta forma, o objetivo central desse trabalho se constituiu em apresentar uma narrativa do processo de construção de formação docente. Utilizou-se como orientação metodológica a narrativa (auto)biográfica. O narrar autobiográfico permite o conhecimento de si e do entendimento dado à realidade vivida, que tornam os sujeitos o que são, mas que ao mesmo tempo, permite novas construções de si. A partir das memórias reveladas, são também abrangidos aspectos teóricos e reflexivos, tanto nas ressignificações destas quanto no âmbito da construção da identidade docente. A produção dessa narrativa indica que a formação docente se dá por um processo constante, a qual não se restringe aos meios formais. Essa formação é atravessada pelas relações, pelos contextos que o docente se insere, por seu passado escolar e social, pelos caminhos tomados ao longo de sua trajetória.

SUMÁRIO

Revelando o caminho	2
Primeiras experiências	6
Marcas	8
Um olhar	10
<i>Helôisa</i>	10
<i>Judite e Ivonilda: a importância do aprender</i>	11
Referência.....	16
<i>Cecília</i>	16
<i>Uma referência para além dos muros da escola</i>	18
Formação em construção	22
A influência da Arte	26
A conclusão se faz necessária, mas as reflexões não se encerram	31
REFERÊNCIAS	33



Há algo no que fazemos e no que nos acontece, tanto nas artes como na educação, que não sabemos muito bem o que é, mas que é algo sobre o que temos vontade de falar, e de continuar falando, algo sobre o que temos vontade de pensar, e de continuar pensando, e algo a partir do que temos vontade de cantar, e de continuar cantando, porque justamente isso é o que faz com que a educação seja educação, com que arte seja arte e, certamente, com que a vida esteja viva, ou seja, aberta a sua própria abertura. Assim insistirei, para terminar, que não se pode pedagogizar, nem didatizar, nem programar, nem produzir a experiência; que a experiência não pode fundamentar nenhuma técnica, nenhuma prática, nenhuma metodologia; que a experiência é algo que pertence aos próprios fundamentos da vida, e quando a vida treme, ou se quebra, ou desfalece; e em caso de experiência, que não sabemos o que é, às vezes canta. ~~É para que este prólogo a meus cantos de experiência~~

LARROSA, 2016.

Imagem 1: Citação direta. Jorge Larrossa, 2016.

Revelando o caminho

Para além dos marcos legislativos, que contribuem para construir a profissão docente perante a sociedade, ser docente perpassa por um caminho constituído pelas relações sociais, culturais e questões econômicas delineados pelo contexto em que o indivíduo se forma e atua. As vivências associadas a essas relações carregam histórias que influenciam na formação da identidade docente. Contudo, compreender a identidade docente não parte somente de compreender a construção dessa identidade, mas também como se deu o processo de resignificação de suas experiências. Desta forma, este trabalho tem como objetivo apresentar a narrativa de uma construção de formação docente. Como orientação metodológica utilizou-se a narrativa (auto)biográfica, trata-se, então, de um texto que aborda a formação como docente da autora que vos dirige, abrangendo também aspectos teóricos e reflexivos a partir das memórias reveladas.

Para Delory-Momberger (2012, p. 524), o objeto da pesquisa biográfica é “explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência”. Dessa forma, tal tipo de pesquisa se relaciona diretamente com aspectos da antropologia social porque evoca uma questão essencial “como os indivíduos se tornam indivíduos?”. A importância da narrativa (auto)biográfica, se dá pelo processo de encontro do sujeito com suas experiências e de entendimento delas como constituintes de si. O terreno e o material a serem utilizados na (auto)biografia é plural, depende do objetivo anunciado e abrange diferentes tipos de discursos – explicativo, descritivo, argumentativo, avaliativo, entre outros (DELORY-MOMBERGER, 2012).

Passeggi (2011, p. 146) afirma que “ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se”. Neste sentido, o narrar autobiográfico permite o conhecimento de si e do entendimento dado à realidade vivida, que tornam os sujeitos o que são, mas que ao mesmo tempo, permite novas construções de si. Surge, então, o narrador que, para Benjamin (1994), recorre da experiência como fonte de sua narrativa, tendo facilidade de se mover entre as experiências, quanto mais próxima a escrita da história oral, melhor. O tipo de experiência independe para tornar a narrativa atrativa, ela conquista seu ouvinte/leitor quando este se identifica com o que está sendo narrado, não se trata apenas de transmissão de informações. Benjamin (1994) também ressalta que o narrador deve contar sua história com naturalidade para que o ouvinte/leitor possa

Sempre compreendo o que faço depois que já fiz. O que sempre faço nem seja uma aplicação de estudos. É sempre uma descoberta. Não é nada procurado. É achado mesmo. Como se andasse num brejo e desse no sapo. Acho que é defeito de nascença isso. Igual como a gente nascesse de quatro olhares ou de quatro orelhas. Um dia tentei desenhar as formas da Manhã sem lápis. Já pensou? Por primeiro havia que humanizar a Manhã. Torná-la biológica. Fazê-la mulher. Antesmente eu tentara coisificar as pessoas e humanizar as coisas. Porém humanizar o tempo! Uma parte do tempo? Era doce. Entretanto eu tentei. Pinteí sem lápis a *Manhã de pernas abertas para o Sol*. A manhã era mulher e estava de pernas abertas para o sol. Na ocasião eu aprendera em Vicira (Padre Antônio, 1604, Lisboa) eu aprendera que as imagens pintadas com palavras eram para se ver de ouvir. Então seria o caso de se ouvir e não pra se enxergar a Manhã de pernas abertas? Estava humanizada essa beleza de tempo. E com os seus passarinhos, e as águas e o Sol a fecundar o trecho. Arrisquei fazer isso com a Manhã, na cega. Depois que meu avô me ensinou que eu pintara a imagem erótica da Manhã. Isso fora.

Manoel de Barros

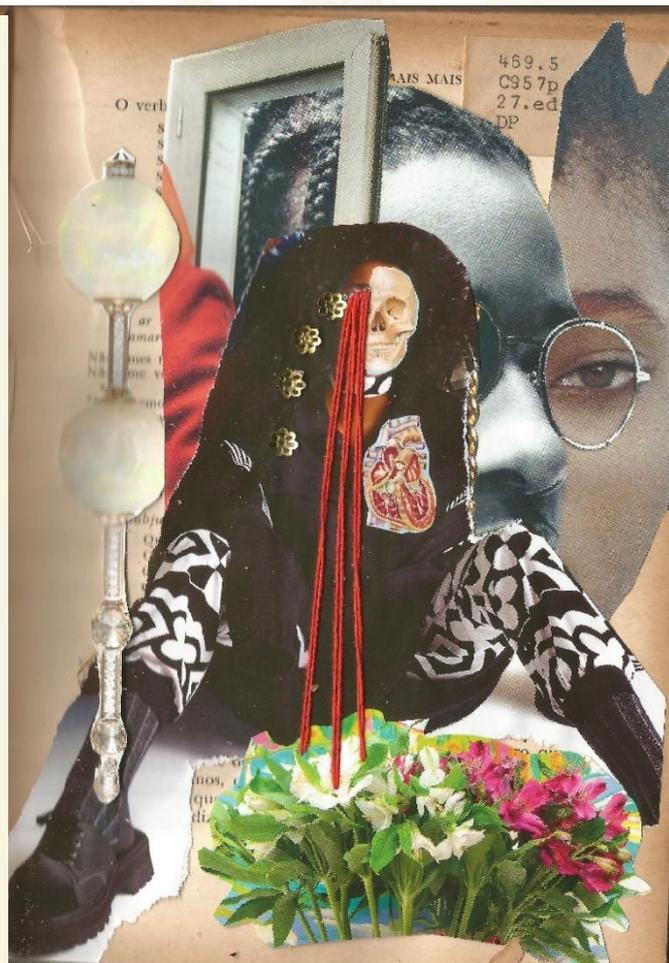


Imagem 2: Intervenção em livro diário, arquivo pessoal, 2019.

melhor assimilá-la e memorizá-la. O autor compara essa narrativa a uma forma artesanal de comunicação, que carrega a marca do narrador, que tem a memória como sua musa.

Muitas vezes, quando buscamos na literatura a história da formação docente, encontramos uma história concebida de modo mais distante, o modo acadêmico, mais referenciado. Essa história permeia a construção da profissão no âmbito mais geral, que pode representar como se constituiu a profissão docente perante a sociedade. Esta perspectiva é importante, porque traz o reconhecimento e regulação da profissão, mas não é completa, trata-se de um ponto de vista universal.

O outro modo parte de uma narrativa de como constitui minha relação com a docência. Esta narrativa utiliza das possibilidades colocadas por Delory-Momberger (2012, p. 524), a qual consiste no ato biográfico de trazer as “representações e de construções segundo as quais os seres humanos percebem sua existência” e de Passaggi (2008) que enfatiza que o (auto)biografar é se colocar no centro do discurso narrativo.

Ao associar minhas experiências escolares com minha formação, em construção, como estudante de Pedagogia, de Mestrado em Educação e de Pós-Graduação em Ensino de Artes Visuais, ressignifiquei essas experiências partindo dos meus processos de aprendizagem e meu entendimento sobre ser docente e sua relação com o ensino. Falar desse lugar que se refere à docência permite entender que este campo se localiza não somente na perspectiva histórica-social, mas também é composto pela individualidade e singularidade docente.

Esse texto se divide em uma primeira parte em que trago uma breve apresentação de minhas experiências nos primeiros contatos com a escola; uma segunda parte em que reflito sobre as marcas deixadas por tais experiências, trazendo uma exígua biografia, a partir de meu olhar, de professoras marcantes em minha trajetória escolar; a seguir, uma terceira parte em que apresento aquelas que tenho como referencial em minha educação; em seguida, faço reflexões acerca de minha formação docente em construção; uma sexta parte exponho a influência da arte em minha formação e, por fim, a conclusão.

Benjamin (1994) afirma que “quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia”, portanto, convido-te a acompanhar-me.



Imagem 3: Intervenção em livro diário, arquivo pessoal, 2019

Primeiras experiências

É percebendo a importância da reflexividade biográfica como possibilidade de abertura para novas experiências que podemos nos construir e compreendermos como sujeitos históricos, conforme coloca Passeggi (2011). Quando retomo às minhas memórias iniciais de inserção no espaço escolar, confesso que não são tão boas quanto gostaria. Meu primeiro contato com a escola fora aos cinco anos, no então denominado “pré-escolar”. Lembro-me de me sentir perdida e não ver sentido naquele lugar. Ficar sentada em uma sala de aula com pessoas estranhas dizendo-me o que fazer, meus cabelos bem amarrados e incomodando, sapatos fechados. Era tudo diferente da realidade que havia vivido até então, brincar livremente no quintal e experimentar a cada dia algo diferente. Na escola parecia tudo igual, todos os dias. Eu tinha medo e não queria ir, chorava, sempre. Escondia debaixo da carteira, fugia da sala, tudo, menos ficar naquele lugar. Vasculhando as lembranças, lembro-me de muitos rostos tentando me fazer parar de chorar, fugir e cobrar minha atenção. Não lembro de gentilezas por parte de algumas professoras, mas de uma atitude de se demonstrarem como autoridades e que eu devia obedecer e escutar sempre.

Passeggi (2011, p.149) destaca que no processo (auto)biográfico “entre um acontecimento e sua significação, intervém o processo de dar sentido ao que aconteceu ou ao que está acontecendo”; desta forma, para a autora, há grande relação entre o que nos acontece e a forma como se atribui significados ao que nos afetou para constituir a experiência. As memórias citadas acima se relacionam com alguns dos meus aprendizados como aluna do curso de Pedagogia – a seguir falarei um pouco mais sobre essa experiência – como algumas questões colocadas por Foucault. Em “Vigiar e punir” (1977), o autor coloca que as instituições disciplinares, como a escola, por meio da disciplina, distribuem os corpos no espaço em determinado tempo, dando-lhes uma individualidade celular, vinculada às posições definidas, controlando o horário das atividades dentro de uma sequência, criando um sistema de comando preciso. Todo esse processo torna o corpo dócil, encaixando-o dentro de um modelo, uma norma.

Para isso, ocorre o controle do pensamento e conhecimento, que é dado a partir do momento que se determina o que se pensar em determinado momento e o que se aprender. Esse controle de pensamento, dado pela disciplina, cria o “assujeitamento” do indivíduo, o qual é aquilo que o moldaram para ser. Os mecanismos da disciplina produzem cada indivíduo e o distribui em atividades, o controla e o relaciona ou combina com outros indivíduos dentro de

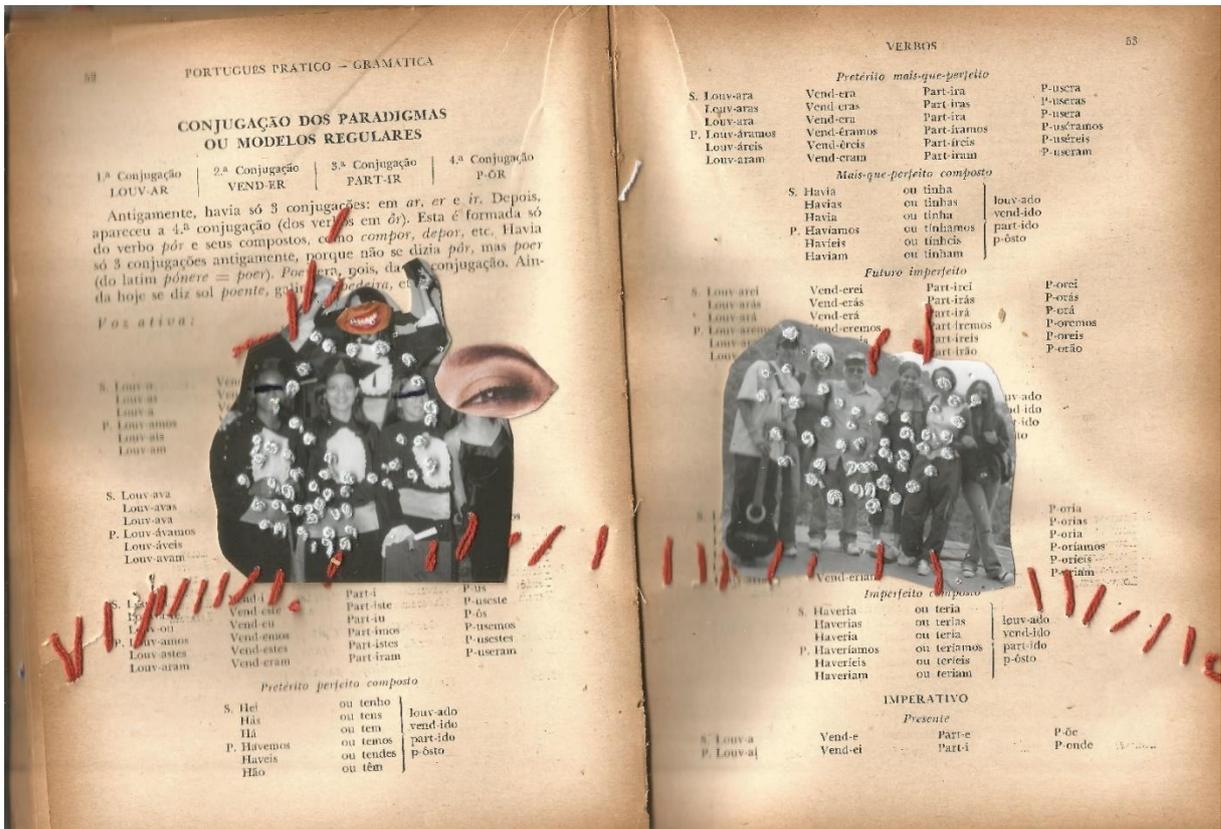


Imagem 4: Intervenção em livro diário, arquivo pessoal, 2019

um determinado tempo, observando-os dentro de um modelo panótipo (tanto no ponto de vista arquitetônico, para proporcionar uma visibilidade de todos, quanto no ponto de vista da instauração do poder de produzir um estado consciente de que alguém controla e vigia).

Essa relação sobre o que Foucault diz sobre as instituições normalizadoras e minhas experiências nos anos iniciais de minha escolarização se dá justamente pela a posição do professor de educar os corpos. Lembro-me de frases como: “é assim que se senta na carteira”, “é assim que se escreve”, “é assim que se lê”, “não coloque as mãos desta maneira para escrever”, “não pode ir ao banheiro agora”, “pode ir ao banheiro agora”, além do processo constante de avaliação meritocrática que mantinha as desigualdades escolares.

Marcas

Que tipo de experiência e memórias que essa escola poderia conservar? De uma escola que prioriza determinados saberes em detrimento das experiências subjetivas dos alunos, o ensinar nesse espaço se volta para um adestramento de saberes específicos para um futuro específico.

Mas, havia as professoras que não se entregavam a esse tipo de prática. Lembro-me exatamente dos nomes delas. Essas professoras mostraram outra forma de enxergar a escola e que contribuíram para que eu tivesse uma admiração pela docência. Elas sempre se demonstraram próximas, interessadas por cada aluno, pela a história de cada um.

Em uma época, em que tinha acabado de entrar na escola em que algumas dessas professoras atuavam, não conhecia ninguém e elas ajudaram no processo de adaptação, até visitas realizavam em minha casa, que era próxima à escola. Uma delas sempre incentivou os estudos, indicou que na biblioteca havia um mundo. Minha mãe já incentivava o hábito de ler, mas minhas experiências anteriores tornaram desagradáveis qualquer coisa que tinha relação com a escola. Com essa apresentação do mundo da leitura pela professora e pelo incentivo de minha mãe, passei a ser uma leitora ávida. Participei de concursos de poesia na escola. Construí o interesse pela Matemática. Também ganhei concursos na escola. Brincava de “escolinha” em casa, queria ser professora, como elas.

Percebi que a escola era lugar de descobrir meus interesses e meus desejos também poderiam se relacionar com esse lugar.

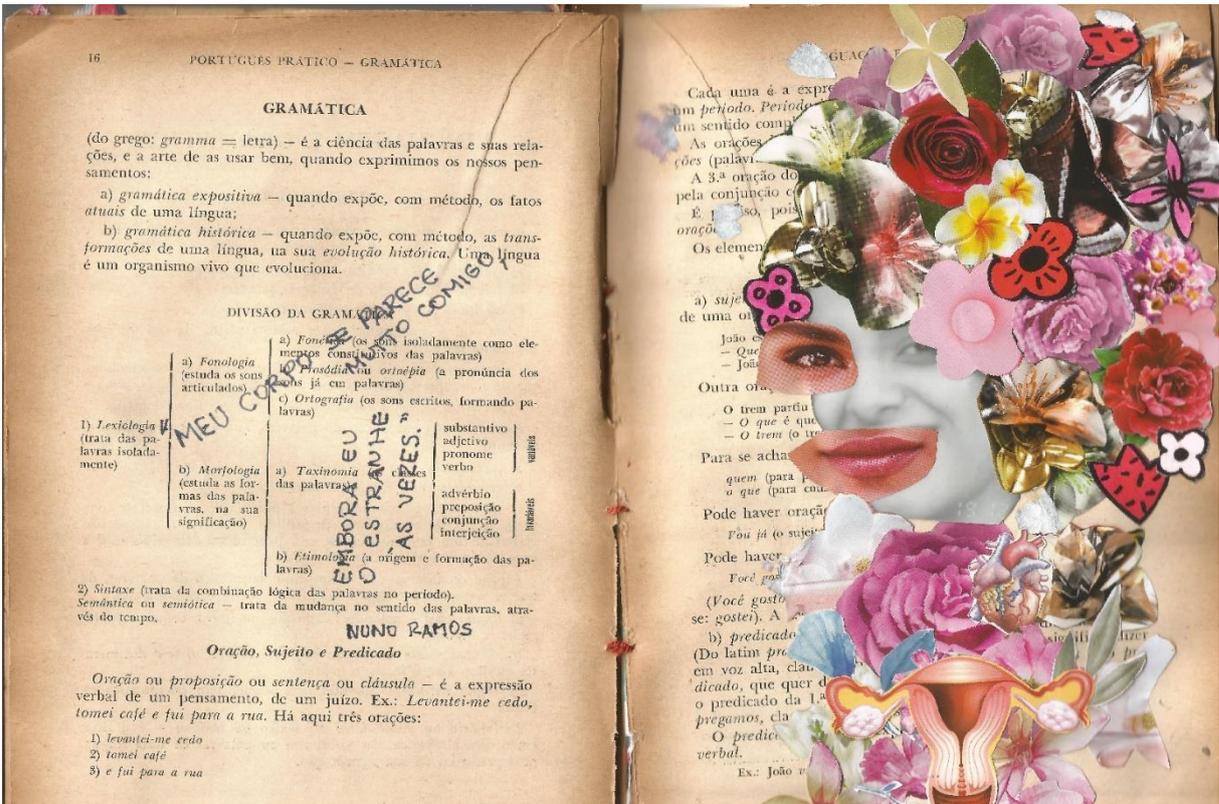


Imagem 5: Intervenção em livro diário, arquivo pessoal, 2019.

Um olhar

Para alguns pode parecer algo extraordinário se recordar dos primeiros contatos com a escola, muitos relatam que não se lembram. Não me lembro exatamente do meu primeiro dia na escola, mas recordo-me de experiências desde o pré-escolar. Contudo, a partir do Ensino Fundamental que a recordação de tais experiências se funde com a imagem de professores de maneira mais concreta.

Heloisa

Esse era o nome da professora de minha turma da primeira série do Ensino Fundamental. Ainda que eu já tivesse passado pelo pré-escolar, não havia me adaptado à escola. Então, após uma caminhada de um pouco mais de dois quilômetros para se chegar à Escola Municipal Francisca Alves, na entrada vinha uma crise de choro, minha mãe esforçava-se para contê-lo. Não suficiente o empenho de minha mãe, a professora Heloisa dedicava um tempo considerável do início de sua aula para tentar acalmar aquela criança chorosa e assustada com carinho e paciência.

Heloisa: cabelo longos de cor escura, parece alta, sempre de jeans e camiseta. Era a única que conseguia me tranquilizar, seu jeito sereno me transmitia a sensação de segurança. Claro, eu a chamava de tia, porque para mim era mais do que uma professora: uma amiga, aquela que acolhia e era “autorizada” por mim a mostrar os encantos da escola. “Encantos”? Sim, Heloisa levava seu violão e cantava conosco, a sala de aula se tornava um lugar prazeroso de se estar. Lembro-me das músicas que cantávamos e da admiração por aquela mulher. Lembro-me dos desenhos, dos “passar por cima”, de recitar o “ABC”. Lembro-me de ela ficar comigo esperando minha mãe chegar e lembro-me de algo, que ainda não sei se foi devaneio ou se vivenciei: passar uma tarde em sua casa; na minha memória se trata de algo tão real, não tive coragem de conferir com minha mãe se de fato estive lá para não perder o fascínio por aquele momento. As marcas deixadas por essa professora em minha história se revelam como um despertar de cunho emocional existente na relação professor-aluno, o vínculo que pode ser construído entre ambos, um aspecto importante para a adaptação das crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Judite e Ivonilda: a importância do aprender

Andava um pouco encurvada, hoje a memória sobre sua forma de compor seu visual me remete à Clarisse Lispector: seu corte de cabelo, seus colares variados, sobrancelha arqueada. Era já uma senhora, mas ainda vigorosa. Era assim que se apresenta a professora Judite quando a busco em minhas memórias. Extremamente cuidadosa com o jeito de dar aula, buscava dar atenção para todos e ao mesmo tempo era divertida - hoje acho que seria *bullying* um episódio ocorrido na sala de aula que tinha como centro a professora e o Chiquinho (um aluno, tido como o bagunceiro da turma): acredito que para que Chiquinho desse “sossego”, Judite inventou um trocadilho, que o deixou extremamente sem graça, tal verso o acompanhou até o final do Ensino Médio; sei disso porque ele foi de minha turma nessa etapa e confesso que até hoje tenho gravado em minha memória a situação e o trocadilho.

Ela era professora de Matemática, da turma de terceira série do Ensino Fundamental. Nessa época já tinha superado o choro, mas ainda não sentia bem na escola, na verdade era bastante tímida, quase não falava em sala, com os colegas e com a professora. Tinha facilidade com a matemática, então, acabei tendo destaque como aluna, entretanto, não era algo que agradava-me, pois era um motivo para ter atenção da professora e dos colegas. Judite, diferentemente, da professora da primeira série, não era tão afetuosa, tinha uma aproximação com seus alunos e enfatizava sempre a importância da escola e do aprendizado para a vida, esse era seu discurso que me marcou e trouxe-me outra concepção para a escola.

Morava há um quarteirão da escola, estudava no turno da manhã, ia e voltava sozinha. Até então, nunca tinha desenvolvido amizades na escola, nesse tempo aproximei-me de duas meninas, que se tornaram grandes amigas, uma delas, inclusive, é ainda minha amiga. Essa amizade trouxe uma nova relação com o mundo, conheci outras formas de ser no mundo, uma vez que sempre centralizei minhas relações sociais na família. Por ser de camada popular, a família tem outra dimensão. Ser família para tal grupo social é algo mais extensivo, não se situa somente na relação nuclear. Minha família, no caso, consistia não somente na minha mãe e irmãos, era também meus tios, minhas tias, primos, vivíamos juntos e criamos uma forte relação de afeto.

Na época em que estava na terceira série, meu mundo passava por transformações radicais, uma delas era de separação de minha família. Foi um ano que tive que morar com minha tia e seu esposo para poder estudar, já que não havia escola próxima no local onde minha mãe morava com o restante da família (mais adiante, no final da segunda metade do ano, minha

mãe muda-se para próximo de minha tia e nos reunimos novamente). Dessa forma, ter amizade com essas duas meninas foi um momento em que encontrei companhia, que pude aprender a importância de estabelecer relações para fora da família. Essas amigas também deram a possibilidade de compreender meu “situar” no mundo, elas tinham suas próprias realidades, suas famílias, seus sonhos...quando frequentavam minha casa eu percebia o quanto tinha ainda para aprender, nunca havia brincado na rua, nunca tinha tido um diário, nunca tinha tido segredos e elas trouxeram essa nova perspectiva de vida, a qual se estendia também para meu corpo. Do modo que fui socializada por minha família, não enxergava as diferenças entre as pessoas, ser branco e ser negro não eram dimensões que faziam parte da diferenciação nas minhas relações com os outros, não tinha tal interpretação sobre as pessoas. Com essas amigas conheci que meu cabelo era ruim, que tinha pele diferente da pele de uma delas, que só andava com cabelo preso para não “espeter”, que andar com meu cabelo solto não seria uma coisa boa, seria motivo de riso para os outros. Isso era tudo novo e percebi que não era somente elas que diziam isso. Passei a enxergar meu verdadeiro eu somente via minha aparência, meu corpo, minha pele, então, eu não poderia ser bela. Na verdade, nunca havia me reparado no espelho, para mim era um objeto como qualquer outro.

Com isso, meu lugar na sala de aula se tornou mais ainda acanhado, não queria ser percebida. Com meus resultados em matemática, Judite direcionou seu olhar para mim, elogiava-me e citava-me como exemplo para a turma. Surgiu um tipo de concurso de matemática na escola, onde toda semana havia um “ditado” de matemática para todas as turmas da terceira série, por fim, eu ganhei tal concurso. Não quis ir receber meu prêmio, Judite fez questão de ir até minha casa para entregar-me o prêmio: um diário, meu primeiro, ela também aproveitou a oportunidade de falar sobre mim para minha mãe, sobre como eu era boa aluna. Também nos falou sobre a importância da escola, do aprender, que eu deveria continuar a ser dedicada.

Decidida...objetiva...segura de si...dedicada...são características que remetem à imagem que tenho da professora Ivonilda. Uma mulher que despertava uma sensação de medo em um primeiro momento, acredito por sua postura de rigidez, mas tal postura parecia ser uma máscara quando melhor a conhecíamos. Seu jeito de falar, andar, de olhar e até mesmo de apontar,

quando pedia leitura em voz alta para algum aluno, eram marcantes. Ela foi minha professora de Português durante dois anos, na terceira e quarta série do Ensino Fundamental.

 Aquela mulher brava sabia como conduzir uma aula, seu jeito de ensinar aguçava em mim o desejo de aprender mais. Mesmo que seus métodos fossem o que chamamos de tradicionais no campo da educação, me identificava muito com Ivonilda. Ela simbolizava, na minha compreensão atual, o direito à diferença - ela era negra e, vasculhando minhas memórias, a recordação que tenho é de ela foi a primeira professora negra que tive. Então, seu fenótipo se aproximava do meu, a sensação que me dava, traduzindo para minhas reflexões atuais, era de que é possível estabelecer uma relação de poder para o grupo racial que eu pertencia. O que eu acreditava ser se situava em uma posição inferior aos outros, muitas vezes vinculado aos aspectos do corpo, o qual era a “forma inicial” como eu me apresentava ao mundo.

Com Ivonilda passei a ter outras perspectivas, de valorizar o que estava dentro de mim – meus gostos, meu interesse pelos estudos, entre outros – ainda que tivesse uma relação complexada com meu corpo, minha presença no mundo pode se manifestar de outras formas. Uma delas foi o desenvolvimento pelo gosto em poesias, em ler e escrever. Através dos incentivos da professora participei, inclusive, de um concurso de escrita proposto pela escola. Escrevi um poema e venci dentro da categoria do Ensino Fundamental, desta vez, fui na festa para entrega do prêmio junto com minha mãe, o orgulho se estampava em sua face. Para mim não era o prêmio meu interesse, mas sim o resultado do que eu escrevera, era algo que tinha significado para outros e os tinha tocado. Claro, esta visão sobre tais fatos é de uma mulher adulta, que já possui leituras e formação em Pedagogia, para uma criança, na época, aquilo tudo era um momento de timidez frente aos outros. O prêmio: um dicionário completo, gostei, gostava de livros.

Com o tempo desenvolvi uma relação mais próxima com Ivonilda, que comparecia em minha casa, às vezes, para dar palavras de incentivo e dizer para minha família sobre meu interesse e dedicação aos estudos, dizia que via “futuro” para mim. Certa vez me escolheu como ajudante de classe e, novamente, tinha as atenções voltadas para mim, o que me desagradava e me distanciava da turma. Parece que os colegas da turma viam tal atitude como desdém de minha parte. Um dia chego na sala de aula e me deparo com o quadro repleto de mensagens ofensivas contra mim, todos da turma viram e pareciam estar em consenso, a escola se tornou um pesadelo novamente.

Ivonilda parecia mais confiante sobre meu futuro enquanto estudante - citava até a universidade - o que minha família e eu mesma, era uma realidade fora de nosso contexto social e econômico. Pedi para que ela escrevesse em meu diário, aquele que havia ganhado, suas palavras ficaram registradas, mas as marcas deixadas são mais fortes nas lembranças daquilo que experienciei enquanto sua aluna.



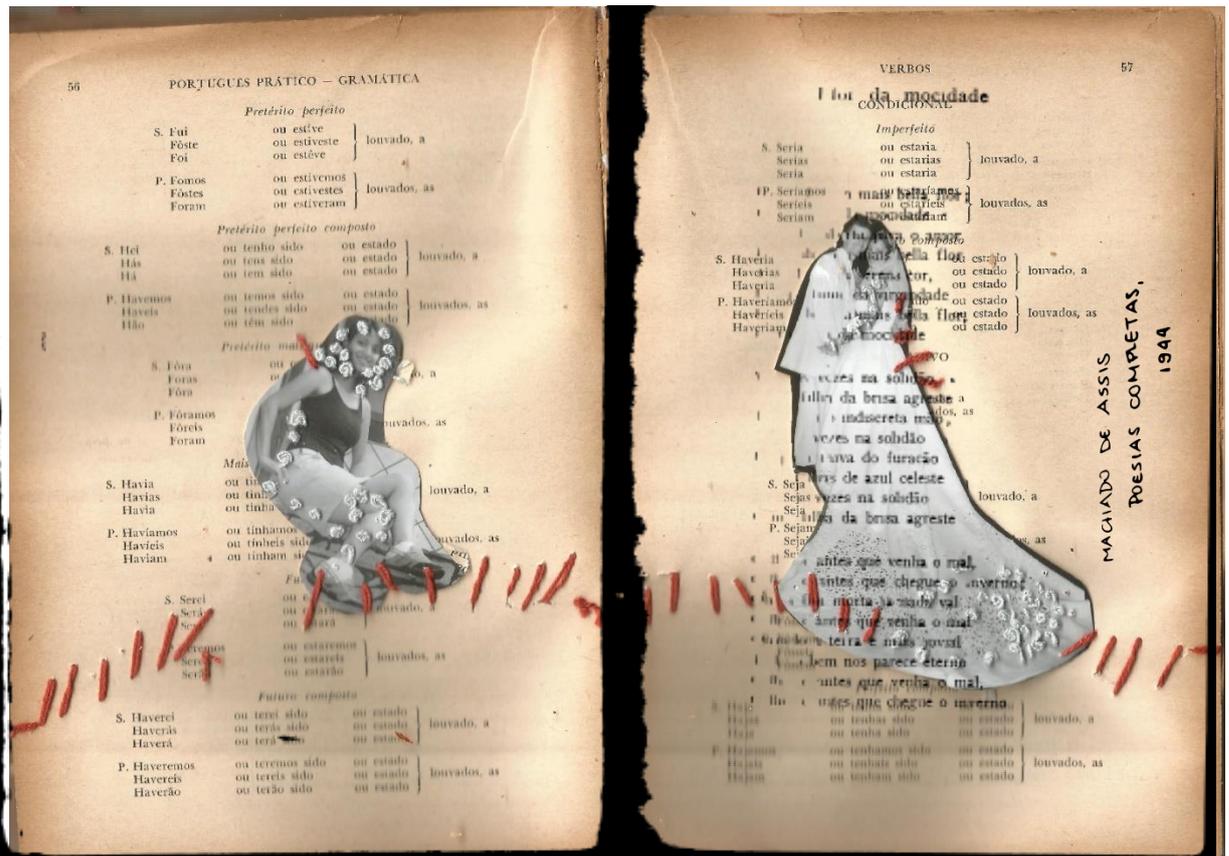


Imagem 6: Intervenção em livro diário, arquivo pessoal, 2019.

Referência

No Ensino Médio havia outra relação com a escola, que ainda se parecia contra mim. Descobri modos de continuar a perceber a escola como meu lugar. Professores autoritários: sentava-me aos fundos. Professores que não queriam dar aula: reivindicava (isso acontecia em escolas públicas, será que ainda acontece?). Professora de Arte, que mostrava o mundo com outros olhares: minha referência. As melhores experiências como aluna foram proporcionadas por essa professora, ela sabia que antes do aluno, da aluna, tinha uma pessoa e era para esta pessoa que ela dava aula. A aula partia dos sujeitos.

Cecília



Ela costuma dizer que nasceu com 50 centímetros e que tinha crescido só mais um metro. Ela costumava de chamar de agonia – porque eu sempre a chamava quase chorando quando precisava de sua ajuda em alguma atividade em sala. Ela colocava *The Beatles* para tocar durante suas aulas, aprendi a gostar de “*Lucy in the sky with Diamonds*” e da banda sem si. Ela que comprou o presente, foi arrumar-se e se esqueceu de ir no meu casamento. Ela que levava seus alunos para sua própria casa para aprender sobre fotografia e outras coisas sobre arte. Ela era minha professora de artes no Ensino Médio e se tornou um exemplo para mim do que é ser docente.

Em minhas primeiras experiências como aluna da professora Cecília imaginava que não conseguiria acompanhar sua didática e metodologia de ensino, os modos tradicionais pareciam-me mais lógicos. Ela dava liberdade e empoderamento para a criação de seus alunos, trazia problemáticas, criticidade e reflexão para o conteúdo e material produzido.

Abaixava os óculos quando nos queria olhar nos olhos. Procurava compreender a realidade de cada um. Aconselhava. Era rígida. Criativa. Predisposta a começar coisas novas e ouvir os alunos, os respeitava.

Essa professora é a que tenho como exemplo de atuação docente. Por uma série de questões: pelas reflexões produzidas em suas aulas, por construir a percepção do outro e seu

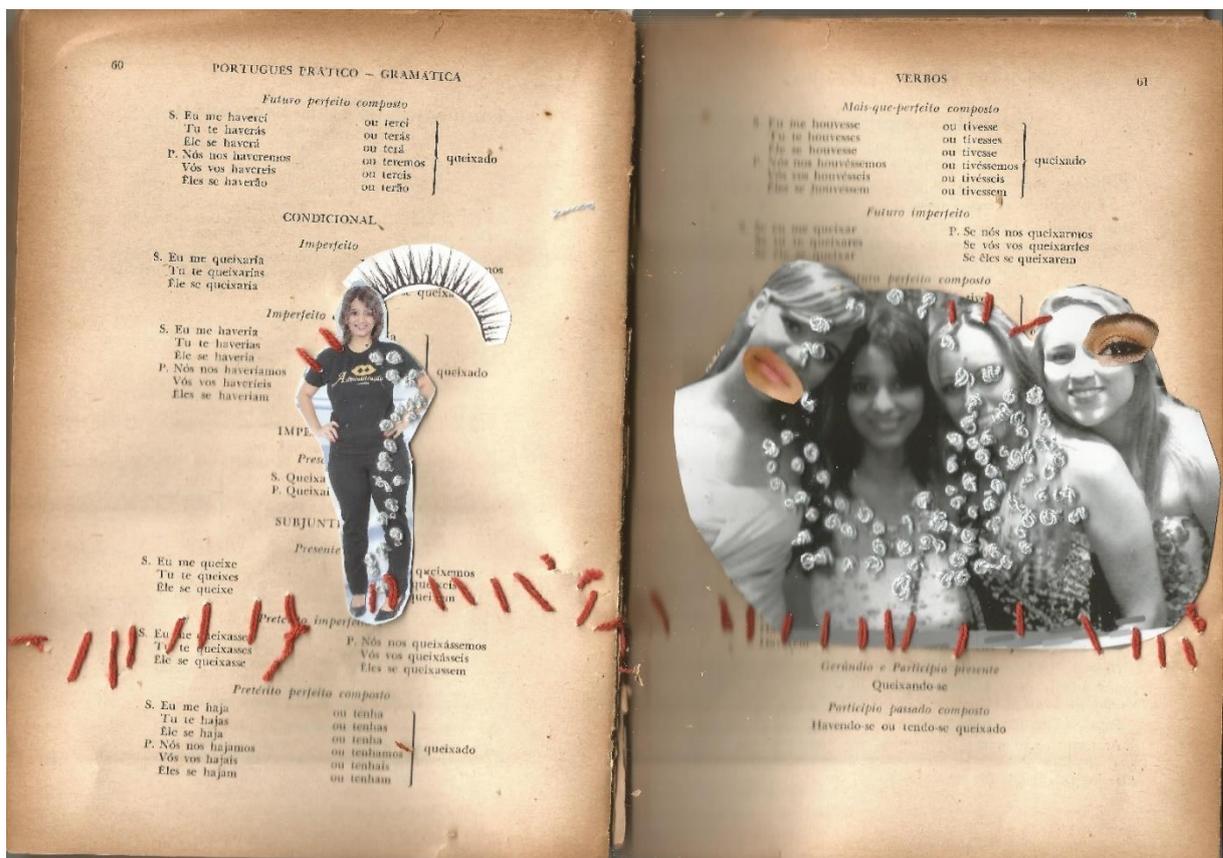


Imagem 7: Intervenção em livro diário, arquivo pessoal, 2019.

olhar sobre o mundo. Suas aulas trouxeram um despertar para a arte. Que não se desenvolveu antes pelas características das aulas, por professores anteriores, que privilegiavam os exercícios de colorir, recortar e copiar desenhos dos outros.

Essa mesma professora desenvolveu meu interesse em ingressar na universidade e de ser professora, algo tão distante para mim pelas condições sociais desfavoráveis e pela própria falta de informações sobre esse mundo. Naquela época o acesso à computador e internet não ocorria como hoje, a realidade de 2004 era precária, precisava fazer a inscrição para participar da seleção para ingresso no Ensino Superior e Cecília permitiu que usasse seu computador em sua casa. Quase desisti e ela estava presente para incentivar. Não tinha como pagar passagem para ir às aulas e sua insistência marcaram mais essa etapa de minha trajetória estudantil e pessoal.

Cecília, hoje é aposentada como professora, entretanto, ainda executa atividades diversas na produção de material artístico e se dispõe a todo momento quando precisamos de sua ajuda. Precisamos no plural porque ela tem fortes relações com outros que também foram seus alunos e alunas.

Uma referência para além dos muros da escola

Não se pode desprezar a socialização primária, a família, ao se pensar em questões educacionais. A escola também consiste em um espaço socializador, mas sua função primeira é o ensinar e com isso constitui currículos, metodologias de ensino e adotam concepções de práticas pedagógicas.

As famílias necessariamente não dispõem desses saberes, contudo, a partir dos anos de 1960 Bourdieu (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017) já enfatizava a importância da bagagem social herdada pelos indivíduos, a qual pode incluir elementos objetivos que podem ser postos a serviço para alcance do sucesso escolar. Entre tais elementos está o capital cultural, que para o autor representaria o de maior importância no destino escolar do indivíduo, principalmente, aquele na forma incorporada (cultura geral, domínio da língua culta, o “bom gosto” quanto a arte, música, conhecimento sobre o mundo escolar).



Imagem 8: eu na visão de colega do Ensino Médio, arquivo pessoal, 2003.

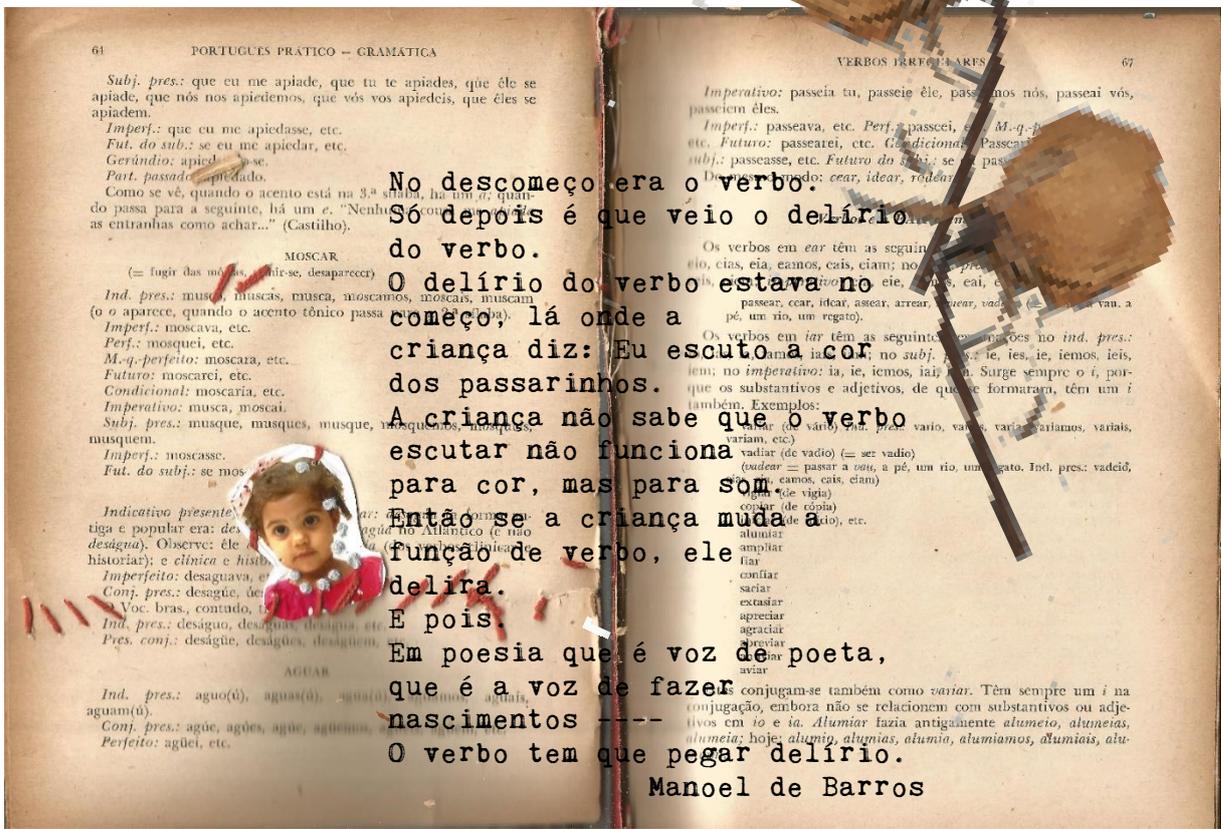


Imagem 9: Intervenção em livro diário, arquivo pessoal, 2019.

A posse do capital cultural favoreceria o desempenho escolar na medida em que facilitaria a aprendizagem dos conteúdos e dos códigos (intelectuais, linguísticos, disciplinares) que a escola veicula e sanciona. Os esquemas mentais (as maneiras de pensar o mundo), a relação com o saber, as referências culturais, os conhecimentos considerados legítimos (a “cultura culta” ou a “alta cultura”) e o domínio maior ou menor da língua culta, trazidos de casa por certas crianças, facilitam o aprendizado escolar tendo em vista que funcionariam como elementos de preparação e de rentabilização da ação pedagógica, possibilitando o desencadeamento de relações íntimas entre o mundo familiar e a cultura escolar. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017, p. 52)

Esse elemento trazido por Bourdieu como possibilitador do sucesso escolar se distanciaria daquilo que se relaciona com a cultura das camadas populares, grupo social a que pertencia minha família. Contudo, ressalto que alguns aspectos sempre estiveram fortemente presentes na minha infância, principalmente, no que se refere às referências culturais (cultura geral) e o contato com a língua mais próxima da língua culta, mesmo que não fosse um contato pleno. Minha mãe sempre reforçou para nós, seus filhos, a importância da educação para a construção de um futuro diferente do dela. Ela não completou o Ensino Fundamental e via a educação como forma de nos dar melhores condições de vida. Sempre buscou ensinar e falar o Português da forma tida como correta – gírias nem pensar – incentivava leitura e nos levava a biblioteca, comprava livros e os lia conosco.

Ela trabalhava em casas diversas, sempre recolhia livros e enciclopédias que os donos descartavam e nos mostrava como se fosse um mundo o que continha naqueles livros. Nos mostrava como fazer pesquisa neles, como encontrar palavras no dicionário. Nos ensinava brincadeiras que de alguma maneira se relacionava com a escrita – adedonha, caça palavras, jogos de tabuleiro de montar palavras, forca. Não posso dizer que ela agia assim pedagogicamente de forma consciente, ao seu ver aquilo nos ajudaria a aprender e, realmente, contribuiu para que eu desenvolvesse o gosto por leitura e escrita, trazendo possibilidade de adquirir um capital cultural incorporado, mesmo distante de uma realidade social favorecida.

Reconhecer estes aspectos de socialização familiar e sua relação com o mundo escolar vai ao encontro do que Lahire (1997) evidenciou em uma pesquisa de cunho microsociológico com famílias de camada popular. Nesse estudo o autor identificou que as famílias pertencentes a camadas populares podem não investir de maneira estratégica e objetiva na escolarização quanto as famílias de camadas médias, porém, os modos peculiares de socialização com seus filhos podem contribuir com o sucesso escolar dos mesmos. A presença de alguns elementos – bilhetes recados, leitura de jornal e revistas (inclusive os pais), organização do ambiente e das atividades em casa, organização do tempo, clareza, desenvolvimento da autonomia - no

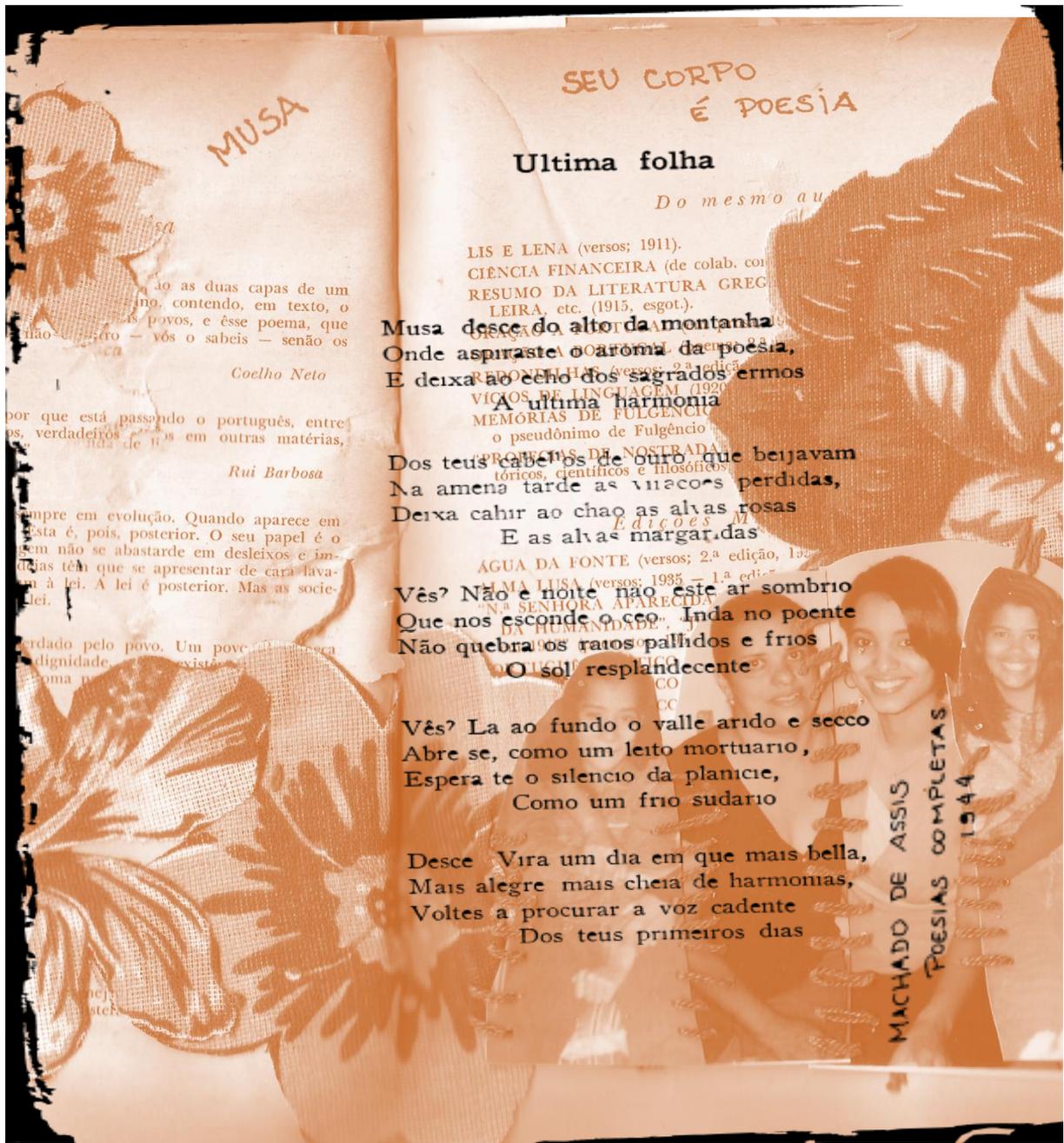


Imagem 10: Intervenção em livro diário, arquivo pessoal, 2019.

cotidiano familiar contribui para a construção de disposições que favoreceria o desempenho escolar, foi uma das constatações do autor.

Esse breve adentro na Sociologia da Educação, permite visualizar o quanto a forma como a família se relaciona com questões pertencentes ao mundo escolar vai estabelecer proximidade ou não com a mesma. Aqui demonstro as marcas que minha mãe deixou em mim para que eu construísse um valor e uma relação de importância quanto a escola.

Formação em construção

O relato acima trata-se de um contexto entre os anos de 1990 e 2004, que, para a Educação, consistiu em um período de mudanças, como colocado anteriormente, principalmente, relacionadas à construção de novas políticas que buscam construir o acesso ao direito à Educação. Essas mudanças ocasionaram novas concepções sobre a atuação e formação docente da educação básica, as quais promoveram uma reformulação dessa profissão. A formação docente avançou em muitos aspectos, mas ainda necessita abranger muitas questões tidas como tabus ou com poucos espaços na hierarquia curricular. Antes de entrar no curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), segui outros caminhos, contudo, sentia-me sempre com o desejo de seguir essa carreira; por diversas vezes tive encontros com a professora de Arte do Ensino Médio e esse contato despertava cada vez mais o interesse na profissão. Ela representava para mim um modelo de ser e estar entrelaçado com sua escolha de ser professora, ela era professora do mesmo modo que era si mesma.

Neste sentido, ao ingressar no curso de Pedagogia, as minhas principais reflexões sobre a atuação docente consistem em compreender o que é o ensinar e o que é ser docente. No meu percurso, o entendimento sobre o que é ser docente perpassa pela influência daqueles professores que tive em minha trajetória escolar que tenho como excepcionais e, também, pelo tipo de professora que não quero me tornar, partindo também das minhas experiências negativas.

Docentes excepcionais considero aqueles que não se impõem como detentores únicos do conhecimento perante os alunos, neste caso, buscam integrar os alunos no processo de ensino-aprendizagem e que promovam reflexão crítica, diferentemente, das experiências vivenciadas por mim em quase toda escolarização básica, com as exceções mencionadas.



Imagem 11: Intervenção em livro diário, arquivo pessoal, 2019.

No processo de minha formação como pedagoga, o ensinar se tomou uma dimensão diferente daquela que imaginava como correta, a qual se relacionava com aquela que experienciei em grande parte na escola, a concepção que passei a ter não se relaciona com aquela educação “bancária”, como coloca Paulo Freire. O Ensinar vai consistir na promoção do conhecimento através da criação de condições de tornar algo compreensível, não somente dentro do contexto escolar, já que o conhecimento também é constituído pelas experiências do indivíduo, o ato de ensinar envolve mais um processo mediador para se chegar à algum conhecimento e não uma transmissão de saberes.

O docente, então, é aquele capaz de conduzir o discente para a construção do conhecimento, um mediador, mas que, ao mesmo tempo, também proponha novas direções na formação desse indivíduo como humano, cidadão e detentor de saberes do campo científico e acadêmico. O maior desafio enfrentado pelos profissionais da área é de promover tal relação de maneira que as dimensões individuais e das diferenças sejam consideradas como integrantes do processo de ensino-aprendizagem. É uma profissão que exige uma eterna formação, seja através dos meios formais de formação, mas também seja pelas próprias relações, que são propícias na profissão. Por meio das relações o docente aprende e identifica a necessidade de mudanças reflete sobre as questões não focadas, mas relevantes, em sua prática, percebe as práticas que trazem resultados importantes sobre seu trabalho.

Farias (2009) traz questões sobre como a professora e o professor constroem sua identidade profissional, que é permeada por suas histórias, suas formações e suas práticas pedagógicas. Aspectos que demonstram que o exercício da profissão docente não é desconexo de suas vivências e experiências e que incorpora também o saber disciplinar, que orienta a construção de objetivos e o processo de ensino.

Justamente, pela identidade profissional do docente se atrelar ao processo sócio-histórico em sua construção, o “tipo” de professor a se constituir vai depender de como esse processo se deu, ou seja, do contexto, das experiências, das vivências, o que estudou e como estudou, questões que vão influenciar sua prática e vão refletir em suas concepções sobre como se deve atuar.

Esses fatores também vão determinar o quanto o docente estará aberto para uma prática que proporcione uma formação de indivíduos autônomos e críticos, além de trabalhar de forma que “aprenda, ensinando e ensina, aprendendo”, conforme coloca Farias (2009).



Imagem 12: Intervenção em livro diário, arquivo pessoal, 2019.

Por mais que a formação como pedagoga traga diversas questões do âmbito social, cultural, filosófico, político, metodológico e didático, ainda é necessário superar pré-conceitos e preconceitos, compreender e valorizar a diversidade de identidades e culturais. Por um lado, o exercício da profissão docente é constituído pelas relações humanas, as quais são permeadas por questões sociais e culturais; por outro lado, esse exercício pressupõe o saber especializado, o qual seguem diversas concepções, o que para mim simboliza a dificuldade da prática docente, visto que esse saber corre o risco de se restringir às metodologias de ensino, ou ao simples cumprimento do currículo formal, por exemplo, não havendo uma integração e interação entre saberes, tornando a prática pedagógica com possibilidades de resultados problemáticos em relação ao processo de ensino-aprendizagem.

A influência da Arte

A forma como experienciei a Arte no Ensino Médio se vincula à forma como percebo a relação das experiências estéticas com a atuação da pedagoga. Apreendi a Arte como forma de expressar a partir de mim, não como algo imposto ou que segue determinações para se criar. O que se assemelha ao que Barbosa (1998) enfatiza, ensinar a Arte não deve se vincular a concepção dos alunos como receptáculos de informações dadas pelo professor, este deve ser um mediador para elaboração crítica do conhecimento. Lembro da minha professora de Arte do Ensino Médio em uma vez que ela fez uma proposta de criar um desenho de algo de nosso interesse. Na época gostava muito de histórias em quadrinhos, principalmente de heróis, desenhei um dos meus heróis favoritos. O desenho, na avaliação dela, não estava ruim, mas era uma cópia, ela então indagou: por que não criou seu próprio herói? Sua própria história em quadrinhos? Vi outras possibilidades, poderia criar minha própria história, poderia sair daquilo que já estava posto.

Durante a trajetória em disciplinas de metodologias de ensino em Ciências, Português, Geografia e da própria Didática há grande atribuição à ênfase nas experiências dos sujeitos para a construção do conhecimento. O ensinar e o aprender se relacionam com a atribuição de significado, para tanto, é necessário partir daquilo que se vivencia, do cotidiano; desta forma, a metodologia mais adequada para a prática docente deve partir da observação, da problematização e da experiência para se construir uma significação para o que se deseja ensinar. O que se aproxima da Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa para o ensino da Arte.



Imagem 13: Intervenção em livro diário, arquivo pessoal, 2019.

Essa abordagem se fundamenta em três ações: fluir, contextualizar e fazer, as quais não precisam seguir esta ordem e “estão intimamente relacionadas entre si de forma dinâmica e retroalimentadora” (PIMENTEL, 2017a, p.308). Conforme Pimentel (2017), o fazer perpassa pelo experimentar e expressar, o fluir ou leitura é o momento de questionamento, de descoberta, de desenvolvimento da capacidade de crítica (BARBOSA, 1998) e contextualizar é construir relações, é fazer sentido, selecionar entre os saberes já construídos a relação com os novos conhecimentos (BARBOSA, 1998; PIMENTEL, 2017).

Apesar da apresentação concisa da abordagem proposta por Ana Mae Barbosa, é possível identificar a relação desta com o caminho que segue a formação em Pedagogia quanto as metodologias de ensino.

Experienciando a formação em Ensino de Artes Visuais, retomei questões sobre o caminho trilhado por mim a partir do interesse pela arte. Em um dos momentos iniciais do curso, foi possível resgatar memórias sobre os interesses iniciais pela arte.

ii





Um pouco sobre mim

por LILIANE LIMA - domingo, 18 fev 2018, 10:26

Sou Liliane, nascida em Belo Horizonte. Por um lado posso dizer que já fiz muita coisa e por outro não, posso dizer que sei quem sou, mas também não. Isso porque todos os dias mudamos, a cada dia somos um pessoa diferente, porque nossas experiências e vivências são únicas a cada dia e estas nos transformam, então não somos o que fomos ontem e que o que fizemos antes no dia seguinte pode não ser mais o suficiente ou pode desencadear novas concepções e percepções sobre o mundo, trazendo novos desejos e novas buscas. Tenho 32 anos, antes estava na Pedagogia, agora sou mestranda em Educação. Escolhi o curso para compreender o uso das Artes na educação e buscar utilizar dos conhecimentos adquiridos em minhas práticas como profissional da área.

A obra que escolhi tem relação com o quando comecei a interessar mais pela Arte. Essa obra estava na capa de um livro que minha mãe trouxe para casa, na época era adolescente e nunca a tinha visto, a considerei tão verdadeira e pura, folhei o livro e conheci outras obras antes não imaginadas. A partir daí a arte foi adquirindo novos significados para mim, para além do que tinha aprendido na escola: desenhar e colorir.



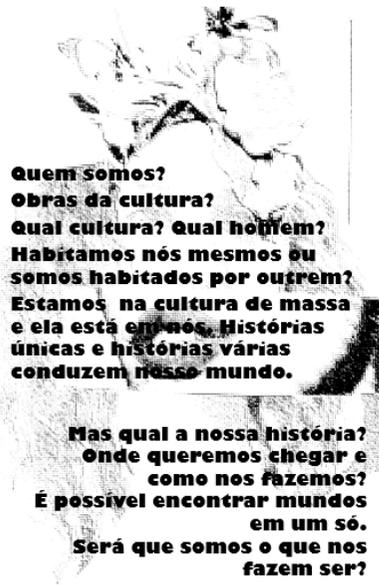
VICENT VAN GOGH
Título: O ESODLAR
(O FILHO DO CARTEIRO -
GAMIN AU KÉPI).

Imagem 14: Arquivo pessoal, 2018. Participação em fórum da disciplina “Transformações do Ensino das Artes Visuais no Brasil” do curso de especialização em Ensino de Artes Visuais da Universidade Federal de Juiz de Fora.

No decorrer do curso, estabeleci novas dimensões de conhecimento sobre as artes visuais, criando uma relação mais estreita, na qual me percebi também como criadora. Nesse processo, redescobri a mim mesma, uma identidade que poderia ser expressada em imagens. Através de minhas subjetividades, identifiquei releituras de mim mesma, situadas nas experiências, no meu eu histórico e nas representações do mundo a partir de uma estética que articule objetividade e subjetividade.



Um auto
recorte



**Quem somos?
Obras da cultura?
Qual cultura? Qual homem?
Habitamos nós mesmos ou
somos habitados por outrem?
Estamos na cultura de massa
e ela está em nós. Histórias
únicas e histórias várias
conduzem nesse mundo.**

**Mas qual a nossa história?
Onde queremos chegar e
como nos fazemos?
É possível encontrar mundos
em um só.
Será que somos o que nos
fazem ser?**

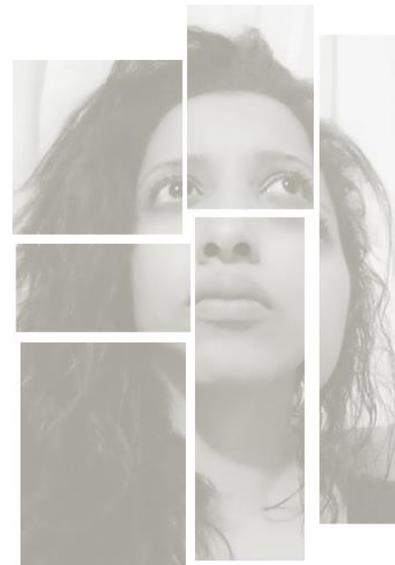
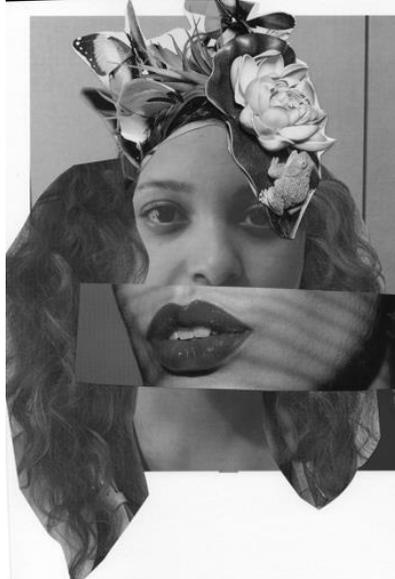
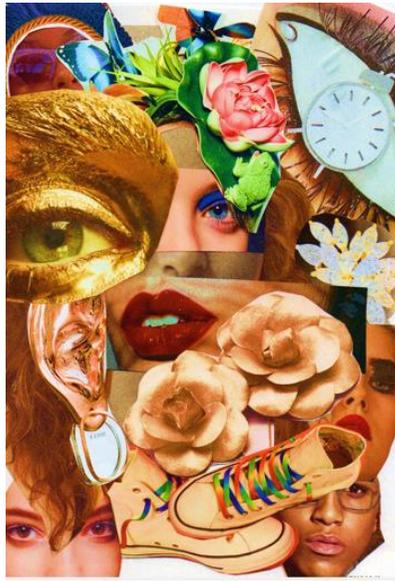


Imagem 15:Arquivo pessoal, 2018. Livro de artista produzido a partir da disciplina “Linguagens Visuais I” do curso de Pós-Graduação em Ensino de Artes Visuais.

A conclusão se faz necessária, mas as reflexões não se encerram

A carreira docente pode ser tida como uma carreira desafiadora por envolver questões de desvalorização, econômica e social, quanto a sua própria definição – educador? Professor? – e quanto ao âmbito das políticas públicas para valorizar essa carreira e estruturar a educação, as quais se mostram ainda insuficientes, ineficientes e até inexistentes.

A formação docente esteve em pauta de maneira mais sistematizada políticas públicas há poucos anos no Brasil, necessitando ainda planos que deem conta de além de atentarem-se para aspectos quantitativos, também se voltem para a qualidade de formação dos docentes. Com a expansão do Ensino Superior nos últimos 20 anos, que se estabeleceu via políticas públicas na busca por garantir uma democratização do acesso a esse nível de ensino, os cursos de licenciatura tornaram-se os maiores alvos no crescimento da oferta de cursos de nível superior. A oferta de cursos com esse grau de formação tem maior peso nas instituições privadas, muitas vezes oferecidos em instituições de baixo prestígio ou reconhecimento e de qualidade questionável. Fatores que contribuem com a maior inflação de diplomas de licenciatura e, conseqüentemente, com menor valorização da carreira docente. Falar da formação docente é falar de uma complexidade de questões, que têm sido debatidas em diversas áreas de conhecimento, reforçando, assim, o lugar de sua importância academicamente e na sociedade como um todo.

Em minha trajetória na formação como pedagoga percebi que para tornar-me uma docente, no mínimo consciente desses desafios, necessito estar em processo constante de aprendizado, no sentido de conhecer as lutas e conquistas da carreira e para questionar-me em relação a como posso contribuir para superar os desafios da carreira.

A narrativa aqui apresentada trouxe experiências como estudante de etapas desde a educação básica como no Ensino Superior, elencando suas influências sobre a formação como profissional docente e como indivíduo. A narrativa (auto)biográfica, no caso, da formação docente, tem uma dimensão relevante para a compreensão de como um indivíduo se constitui e como sua bagagem vai se relacionar com sua prática docente.

Ser docente não se trata de somente conhecer metodologias, conteúdos, práticas de ensino-aprendizagem, trata-se de conhecer também os sujeitos, seus contextos e ver a escola como um todo, como um lugar que deve propiciar um sentimento de pertencimento e identificação, de maneira que se relacione com minha bagagem sócio-histórica que me constitui como pessoa e docente, mas estar também aberta para novas perspectivas. Por fim, como afirma

Teixeira (2006) “como todos os fenômenos e realidades sócio-históricas, ou como tudo que é humano, os professores são um “dado-dando-se”, qual seja, ser professor é estar sempre se fazendo, num permanente constituir-se”.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação Pós-Colonialista no Brasil: aprendizagem triangular. In: BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. p.30-51.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7 edição, São Paulo: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas: volume 1. P. 197-221.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. **Educação** (Porto Alegre, impresso), v. 37, n. 1, p. 33-41, jan./abr. 2014.
- FARIAS, Isabel Maria Sabino (et al). **Didática e Docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber Livro, 2009.
- DELORY-MOMBERGER, CHRISTINE. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, set-dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782012000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 nov. 2107.
- LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares – as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1 ed.; 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. 175 p.
- MARTINS, LM. DUARTE, N., orgs. **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.191 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 30 abr. 2016.
- NOGUEIRA, Maria Alice. NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 4 ed., 2017.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda; KOLB-BERNARDES, Rosvita. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 161-178, abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072015000100161&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 out. 2017.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v.34, n. 2, p. 147-156, mai-ago. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697/6351>>. Acesso em 16 out. 2017.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista (Org.). **Invenções**

de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

PIMENTEL, L. G.. Abordagem Triangular e as narrativas de si: autobiografia e aprendizagem em Arte. *Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 307-316, maio/ago. 2017a. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/gearte>>. Acesso em: 16 out. 2017

PIMENTEL, L. G. **Ontens e hojes não fazem um amanhã: aprendizagens resistentes em artes visuais.** 26º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas. 2017b.

TEIXEIRA, I.A.C. Os professores como sujeitos sócio-culturais. In: DAYRELL, J.T. (Org). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 2006.

ⁱ Folhas reais, recolhidas no chão de um lugar que faz parte do meu caminho.

ⁱⁱ Objetos reais, feitos artesanalmente, presentes em meu cotidiano.